

# CORPO E REPETIÇÃO: ENCORE

---

*Dominique Fingermann*

Psicanalista, A.M.E. da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL – Brasil – Fórum São Paulo).

E-mail: dfingermann@terra.com.br

**Resumo:** *Encore*, título do Seminário XX de Lacan, apresenta em um só rasgo os equívocos dos depósitos e aluviões da língua nos quais ricocheteiam os estilhaços/brilho da alíngua: *en-corps*, no corpo, mas também *encore* (do latim *hinc ad hora*), que no século XII se dizia *uncor*, advérbio de tempo que indica a persistência de um estado ou ainda a repetição, e mesmo o suplemento, mais ainda. Se o ponto de partida da experiência analítica é o corpo do falasser [*parlêtre*] e a demanda que ele reclama, é pelas graças da transferência e sua topada na repetição que ela continua ainda [*en-core*]. Mas o que a orienta até seu fim é a aposta de que no corpo [*en-corps*] há como encontrar algo novo: “é porque o analista em corpo [*en-corps*] instala o objeto pequeno a no lugar do semblante que há algo que existe e que se chama o discurso analítico”. (LACAN, 1971-72, p. 231).

“Não se trata de um passe de mágica, mas de um passe poético, lógico e ético”, ou, como diz Valéry: “*Entre le vide et l'événement pur,*” *sonne “dans l'âme un creux toujours futur.”* [“Entre o vazio e o acontecimento puro” ressoa “na alma um oco sempre futuro!”].

**Palavras-chave:** corpo; repetição; mistério; falasser; letra; alíngua.

**Abstract:** *Encore*, Lacan's Seminar XX title, presents in only one rip the deposits mistakes and the language mudslides in which ricochet the shards/shine of the language: *en-corps*, in the body, time adverb that indicates the persistence of a state or even the repetition, and also the supplement, even more. If the starting point of the analytics experience is the body of speakbe [*parlêtre*] and the demand that it calls, is by the graces of transference and it stumble on the repetition that it continues yet [*en-core*]. But what guides it to its end is the bet that in the body [*en-core*] there is something new: “it is because the analyst in the body [*en-core*] install the little object in the place of his countenance there is something that exists and is called analytic discourse”. (LACAN, 1971-72, p. 231).

“It is not magic, but poetry, logical and ethical” or, how Valéry says:

*“Entre le vide et l'événement pur,” sonne “ dans l'âme un creux toujours futur!”* [“Between the emptiness and the pure happening” resonates “in the soul a hollow future!”]

**Keywords:** body; repetition; mystery; speak; letter, the language.

*“O nó da nossa condição toma suas dobras e voltas nesse abismo: de forma que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério inconcebível ao homem”.*

(PASCAL, 1954, p. 1208)

*“Para tocar realmente a ilegitimidade, é preciso aceitar lê-la, palavra por palavra, pô-la à prova através da ficção”.*

(BLANCHOT, 1955)

## Que mistério!

É um mistério que se instala diante de nós nesse momento precioso das entrevistas preliminares. Quem está aí? Aí tem gente? Quem pode ser? Alguém sabe disso? O que se diz do que se sabe? Há um saber desse mistério? Quem pode saber um mistério?

Ele se chama Gustavo, ainda não tem quatro anos. Não sabe se seu nome começa por G ou por 3, se ele é vermelho ou amarelo, respostas espontâneas à presença de analista, isto é, a uma não demanda desconcertante que ele interpreta primeiramente conforme a suposição da demanda da civilização em relação a ele. O que ele sabe e afirma de saída é que ele gosta de salada, pois ela não faz crescer e, em guisa de mistério, ele arvora um sintoma, “Eu bato-tu bates-ele ou ela bate”: ele é impossível!, dizem. Dito e feito, é o que ele faz de fato *encore* [*en-corps*] e, mais ainda, com a discórdia encarnada no seu corpo. Gustavo é um personagem! Poderíamos mesmo dizer: é um acontecimento!, ou mesmo: é uma resposta do Real.

Um outro garotão de 49 anos, vermelho, esbaforido, chega já, ainda, sempre com 30 minutos de atraso, “nada de especial, nada a declarar”, diz ele, “vir aqui? por que não? pode ser interessante, minha mulher acha que...”. É sua mulher que o manda ao consultório, pois ele gosta de beber um pouco, “um pouco demais”, diz ela, e ele se irrita, eleva a tom, tem amnésias alcoólicas, acidentes, urina na sala, pensa nisso e depois esquece. Não se reconhece, nem se responsabiliza, nem subjetiva, não sou eu, diz ele, são acontecimentos de corpo.

Essa outra personalidade não está mais aqui para falar disso ainda. As entrevistas aconteciam durante sua primeira quimioterapia, há cinco anos. Ela desejava que uma análise, que levaria em conta o real, fizesse com que seu corpo falasse mais forte que seu organismo.

David, por fim, fala baixinho, por meias palavras, de forma a não se trair, e não trair o pai que escolheu se matar quando ele era adolescente. Explica, todavia, com cautela como o lúpus, doença com a qual ele divide confortavelmente sua vida e seu corpo há 20 anos, lhe dá acesso a si mesmo e lhe permite suportar, na ameaça e na dor constantes, sua vida de pai de família feliz e de campeão de alto risco do mercado financeiro.

Evoco esses casos entre todos os outros, pois eles me despertaram particularmente, fazendo-me retomar mais uma vez o leme do “O que nós fazemos quando fazemos análise?”. Como um discurso pode apreender e tocar o corpo? Que acordo pode se tocar entre o desacordo do corpo [*discord/dis-corps*] e o discurso? Quem pode saber um mistério?

Quer estejam mal consigo mesmos, quer estejam bem no mal, quer repitam a ladainha “a carne é triste, ora bolas, e li todos os livros” (MALLARMÉ, 1899/1992, p. 22, tradução nossa), eles se apresentam a esse primeiro encontro com a esperança de serem aliviados de um medo do corpo que estorva. “Poderíamos falar, quase cada vez que se evoca um caso clínico [...] do peso pulsional”, diz Soler (2003, p. 78). “É um corpo a corpo”, diz Lacan (1972-73/2008, p. 52), que tantas vezes insistiu sobre o valor decisivo das entrevistas preliminares, prova da instauração da transferência e da posição (da colocação em funcionamento) do Discurso do Analista.

Quando alguém vem me ver em meu consultório pela primeira vez, e que eu escando nossa entrada no caso de algumas entrevistas preliminares, o que é importante é isso, é a confrontação dos corpos. É justamente porque isso parte desse encontro de corpos, que ele não estará mais em questão, a partir do momento em que se entra no discurso analítico. (LACAN, 1971-72, p. 228)

De fato, apanhamos esse corpo pelo seu mistério e tomamos esse mistério ao pé da letra e não no corpo a corpo, cara a cara. As letras que escrevem as *hystórias* da histórica, recortadas pelo silêncio do analista, testemunham do mistério do *parlêtre*: um não sabido toma corpo e faz falar [*falasser/faetra*]. É um mistério que se instala diante de nós. Faz-se mister calar-se – resposta de analista –, como eco do oco que formata a

letra; o analista toma posição: posição do inconsciente, mistério do corpo falante<sup>1</sup>. O Discurso do Analista é um Discurso sem palavra, que, ao fazer palavrear o sujeito, faz *aparecer (parêtre) o parlêtre*.

### Como um discurso pode apanhar o corpo?

Os discursos, cada um à sua maneira, são feitos para isso; por isso, apanhar algo do corpo – não todo –, ter acesso a pedaços, refugos de gozo. O Discurso do Mestre que fabrica o humano faz isso, ele faz sentido e produz o objeto como mais-de-gozar fora do corpo, ao passo que o lugar do mistério do corpo é ocupado pela castração e seu vazio de gozo. Desde o Discurso do Analista, apresar o corpo [*prise du corps*] passa pela equivocação [*méprise*] e suas surpresas [*surprises*]. A equivocação da fala transferencial endereçada ao sujeito suposto saber (que sustenta o Discurso Histérico), quando não se achata com o bom senso, nos prega as surpresas da língua. A língua onde se cava o verso<sup>2</sup> da letra (carta) sem endereço, mas que chega sempre ao destino, isto é, que volta sempre ao mesmo lugar: o lugar do real indicado pela repetição: “*ao lugar mesmo onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a res cogitans, não o encontra*” (LACAN, 1964/1985, p. 52).

É um mistério que não cessa de não se escrever. “Há algo para ser lido diante do qual ficamos boiando”, diz Lacan (1975). Temos os meios para fazê-lo falar, mas o que disso pode vir a se escrever para que cesse de se repetir assim, como um grito do corpo, fora de sentido? Passar do grito à fala e impeli-la até a escrita, é a direção da análise. Sentido real da experiência que ocorre não sem o saber, e a angústia que lhe corresponde (horror de saber): pois o saber do inconsciente é saber da solidão e da ausência de correspondência do corpo no Outro.

A psicanálise não tem, nesse sentido, nada a ver com as religiões dos Mistérios para as quais “a regra fundamental é o silêncio, e falar do mistério é profaná-lo” (JEAUNEAU, s/d). Nossa regra fundamental, a associação livre, é uma opção de princípio que faz falar aquilo que devia se calar, na medida do possível. Ou melhor, além do possível, a associação livre é uma mostração que joga com o acaso e a necessidade.

1 “Le réel, dirai-je, c’est le mystère du corps parlant, c’est le mystère de l’inconscient”. Lacan J. Séminaire XX – 15 mai 1973.

2 “creuser le vers”: referência à carta de Mallarmé a Eugène Lefébure de 30 de junho de 1865.

A necessidade: nessa fala, falação, falácia, alguma coisa “*não cessa de não se escrever*”, princípio da repetição e de sua lógica, que tende a se travestir de trágica.

A contingência: no curso dessa fala, algo “*cessa de não se escrever*”, o escoamento do encorpado [*en-corps*] flui, flameja, flabela e flagra-se no estilhaço das palavras. *En-corps*, em corpo, se depara um gozo que não está fora do corpo como o gozo fálico, e os *jouis-sens*, gozos do sentido, orientados pelos mais-de-gozar parciais das pulsões.

Nesse jogo do acaso e da necessidade, essa prática do falatório acaba por cuspir seu mistério, ou melhor, sua letra, isto é, o vazio que organiza a fala, o vazio do sentido traumático por onde a fala adveio ao sujeito. Vaivém, entre as dobras do corpo e as voltas dos ditos, que não correm e transcorrem sem o dizer, ou seja, que cava o espaço literal, literário, liter-rasura, a rasura em que se aloja o *litter*. “Resta a fala literária”, diz Blanchot (1969, p. 505), “que ultrapassa redobrando, cria repetindo e através de infinitas reditas, diz uma primeira e única vez até essa demasiada palavra em que desfalece a linguagem”.

### **Mais Ainda! No corpo**

É assim que a psicanálise – melhor que uma técnica do corpo, ética do em-corpo ao “seguir a estrutura” (LACAN, 1970/2008, p. 405) – leva o corpo a sério. Pois, da série dos Uns do sentido que se procura na transferência, encontra-se aquilo que faz o Um: é ali tomar o corpo ao pé da letra, esse vazio central original, originário, que não se pode contar (mistério), mas único a permitir a contagem. É neste ponto único do encontro com a ausência radical de correspondência entre o corpo e o outro, “acontecimento de corpo”, que se forja e ancora a singularidade.

*Encore! En-corps!*: o título do Seminário XX (*Mais ainda*) produz numa só centelha o elo do corpo e da repetição. *En-corps*, lugar da relação impossível, mas onde a repetição, no lugar da letra [*lettre*], no lugar do ser [*de l'être*], faz-se eco do em-corpo [*en-corps*].

A associação livre não produz esse “effect”<sup>3</sup> sem a graça da transferência, cuja equívocação [*méprise*] não impede as surpresas dos equívocos, ecos da voz do corpo falante. O engano da transferência é por estrutura suposição, ele deve ser atribuído às

3 Lacan utiliza o termo *effect* [efeito] em inglês para fazê-lo ressoar com *affect* [afeto] em francês.

elucubrações de sentido, “o que se compreende de obscurecido” (LACAN, 1971-72, p. 91) que ancora sua origem real no mistério do corpo falante: o fora de sentido do em-corpo, mas tenta com-preendê-lo (compreender) “verdadeiramente” com o Outro.

A psicanálise, o que é isso? É a localização do que se compreende de obscurecido, daquilo que se obscurece em compreensão, devido a um significante que marcou um ponto do corpo. A psicanálise é aquilo que reproduz – vocês encontram aí os trilhos ordinários – uma produção da neurose. (Ibid.)

A repetição, “base da experiência” (LACAN, 1961-62, p. 64), põe à prova a transferência, seu pivô. Isso fez parte das surpresas de Freud, e desde então esperamos um pouco por isso, ainda que a repetição, ainda-sempre, surja como o inesperado [*inattendu*] e o inaudito [*inentendu*], inadmissível para o sentido. O sentido da transferência esbarra, “*nihil* do impasse assim reproduzido do sujeito suposto saber” (LACAN, 1968/2003, p. 325), com o fora de sentido do em-corpo, ou seja, “de um significante que marcou um ponto do corpo” (LACAN, 1971-72, p. 91), furo do fora de sentido do significante enquanto tal, furto inaugural do Outro. “A estrutura se apreende dali. Dali, isto é, do ponto em que o simbólico toma corpo” (LACAN, 1970/2003, p. 405). “Encontrar o hilo” (idem, p. 325), o *troumatisme*, a marca do buraco, o umbigo do sentido, isso passa por colocar a repetição à prova da transferência e de seu manejo pelo ato do analista.

Esse furo do sentido – grito do ser – se produz em re-petição, pedir de novo, *encore*: “O que foi, repetido difere, tornando-se sujeito à redita” (ibid.). Fato de estrutura posto em cena na transferência, a repetição é a demanda dos Uns de sentido que mantêm a esperança do 2, tanto quanto o seu inaccessível. Se a fala cantarola a ladainha do sentido, ela conta também de novo, e novamente o exílio do corpo que responde ao *nihil*, lamento do hilo que não se encontra aí, e se procura fora do corpo nos objetos nos quais deriva e se esfacela o objeto.

Do *nihil* ao hilo passando pelo exílio, “do impasse da transferência ao umbigo do fora de sentido”, diz Soler, é preciso um salto, aquele que faz o passe entre a impotência e o impossível. A impotência, a equivocação da transferência evidenciada por aquilo que não cessa de voltar ao mesmo lugar, denota o princípio da repetição, a referência que não cessa de não se escrever.

A repetição, isso não quer dizer – o que se terminou, se recomeça como a digestão ou alguma outra função fisiológica. A repetição é uma denotação precisa de um traço que

eu extraí para vocês do texto de Freud como sendo idêntico ao traço unário, ao pequeno bastão-elemento da escritura de um traço na medida em que ele comemora uma irrupção de gozo. (LACAN, 1969-70/1991, p. 88-89, tradução nossa)

Podemos utilizar o melhor da repetição até sabermos abrir mão dela, pois é nesse contraponto do palavreado que o psicanalista “no entanto, tem que encontrar a certeza de seu ato e a hiância que constitui sua lei” (LACAN, 1967/2003, p. 339).

É preciso um salto que suspenda os Uns de sentido e encontre aquilo que faz o Um, aquilo que faz o ser, furando o bom senso. O que esperamos de um tal jogo?

O que se espera da sessão é justamente aquilo que se recusa a esperar, por medo de meter demais o dedo: a surpresa [...] O que temos de surpreender, é algo cuja incidência original foi marcada como trauma. (LACAN, 1967/2003, p. 352)

### **Posição do inconsciente: o analista em corpo**

A posição do analista, eis o salto de sua operação, sua surpresa, quer ele seja esperado como saber ou como objeto. Pois ele posiciona o inconsciente e retém o objeto, no corpo, ele não o deixa se produzir (como no Discurso do Mestre), ele não se presta à sua produção fora do corpo, com quem o sujeito faria par. Ele o retém em seu jogo, ele não lhe dá, ele não lhe dá essa satisfação de encarnar o objeto da falta mas sim incorpora o objeto da causa!

Então, de que se trata, de que se trata na análise? Porque se acreditarem em mim, deve-se pensar que é precisamente como eu o enuncio, que é em razão daquilo que, em corpo, com toda a ambiguidade desse termo, que é motivada, é porque o analista em corpo instala o objeto pequeno *a* no lugar do semblante, que há algo que existe e que se chama discurso analítico. O que isso quer dizer? No ponto em que estamos, isto é, tendo começado a ver tomar forma esse discurso, vemos como discurso e não naquilo que é dito, em seu dizer, ele nos permite apreender o que disso é semblante. (LACAN, 1971-72/2011, p. 231)

Instalar o objeto pequeno *a* no lugar do semblante [*semblant*], sentido em branco [*sens blanc*], é não produzi-lo nem reproduzi-lo como verdadeiro, é o pôr em causa, como hiância, furo, oco em que ressoa o falasser [*parlêtre*] aquém da tagarelice do sujeito. A posição do analista é sua presença que encarna o mistério, o oco do corpo no cerne das palavras: “uma palavra-buraco cavada em seu centro por um buraco, por esse

buraco, por esse buraco em que todas as outras palavras teriam que ser enterradas. Não poderíamos dizê-la, mas poderíamos fazê-la ressoar. Imensas, interminavelmente, um gongo vazio” (DURAS, 1964, p. 48, tradução nossa).

Nós lhes damos a palavra para que eles se encontrem na letra, eis a hora marcada à qual conduz o encontro daquilo que sempre volta, de novo, ao mesmo lugar. A prática da alíngua cava o acesso ao excesso do sentido, êxtase, separação do par, do parecido e da mesmice. É ali que a repetição pode fazer acordo/acorde para além do pai e do pior, e do estilhaço [*éclat*] das palavras passar à gargalhada [*éclat de rire*]. “Entre o vazio e o acontecimento puro... Soando na alma um oco sempre futuro!” (VALÉRY, 1920/2004, p. 803, tradução nossa).

E o corpo, portanto? É um poema e tanto, ainda, sempre, *encore*, mistério do corpo falante!

## Referências

- BLANCHOT, Maurice (1955). *L'Espace littéraire*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_ (1969). *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard.
- DURAS, Marguerite (1964). *Le ravissement de Lol V Stein*. Paris: Folio.
- MALLARMÉ, Stéphane (1992). Brisa Marinha. In: *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard.
- JEAUNEAU, Édouard (s/d). *Encyclopédie Universalis – version numérique* (verbetes “Mystère”). Paris: s/d.
- LACAN, Jacques (1961-1962). *A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (Publicação para circulação interna), 2003.
- \_\_\_\_\_ (1964-1965). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- \_\_\_\_\_ (1967). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_ (1967). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_ (1969). A lógica da fantasia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_ (1969-1970). *L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.
- \_\_\_\_\_ (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_ (1975). Conférence de Genève. In: *Pas-tout Lacan*. Paris (CD-Rom – Versão eletrônica), s/d.
- \_\_\_\_\_ (1971-1972). *Le savoir du psychanalyste*, inédito.
- \_\_\_\_\_ (1971-1972). *Ou pire*. Paris: Seuil, 2011.
- \_\_\_\_\_ (1972-1973). *Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PASCAL, Blaise (1954). *Pensées*. Paris: Gallimard, 1954.

SOLER, Colette (2003). *L'en-corps du sujet (Cours 2001-2002)*. Paris: Trèfle, 2003.

VALERY, Paul (1920). Le cimetière marin. In: *La bibliothèque de poésie* (volume III). Paris: Éditions France Loisirs, 2004.

*Recebido em 10/12/2011; Aprovado em 9/1/2012.*